

A VARIAÇÃO DA CONCORDÂNCIA DE NÚMERO NO SINTAGMA NOMINAL: DIFERENTES CONTEXTOS DE AQUISIÇÃO ACARRETAM NA AQUISIÇÃO DE DIFERENTES VARIANTES?

GRIPA, Aline Goettems¹
CASAGRANDE, Sabrina²

RESUMO: O objetivo deste trabalho é investigar a aquisição da concordância de número no sintagma nominal (CNSN) no Português Brasileiro, mais especificamente os fatores que levam os falantes a empregarem a marcação redundante (as formigas estão carregando as folhas) e a marcação não redundante (as formiga tão carregando as folha). Scherre e Naro (1998), Simões e Soares (2005), entre outros, sinalizam dizendo que esse fenômeno pode variar dependendo das práticas sociais em que os indivíduos estão envolvidos, bem como os anos de escolarização e a sua aproximação com a cultura letrada. Refletindo sobre questões como essas, o presente artigo procura discutir alguns fatores extralinguísticos que influenciam durante este processo de aquisição da CNSN. Para isso, coletamos dados de 39 crianças entre 4-5 anos de idade da cidade de Pérola D'Oeste, a partir de aplicação de um experimento de produção eliciada, já realizado por Roza (2015). As crianças são provenientes de contexto “rurbano”, termo utilizado por Bortoni-Ricardo (2004). Comparados os dados das crianças aqui investigadas com os dados das crianças investigadas por Roza (2015), crianças essas de um contexto urbano, verificamos que os dados das crianças do meio urbano produziram 63,3% de marcação redundante, enquanto as crianças no contexto rurbano, por nós investigada, produziram 26,7% dessa mesma marcação. Isso quer dizer que no contexto rurbano de Pérola D'Oeste o que apresentou-se predominante entre os falantes, no que se refere a aquisição da concordância de número no sintagma nominal, é a marcação não redundante.

PALAVRAS-CHAVE: *Aquisição da linguagem. Concordância de número no sintagma nominal. Variação Linguística.*

Resumen: El objetivo del trabajo es investigar la adquisición de la concordancia de número en el sintagma nominal (CNSN) en el Portugués Brasileño, más específicamente los factores que llevan los hablantes hacer la marcación redundante (Las hormigas están llevando las hojas) y la marcación no redundante (Las hormiga están llevando las hoja). Scherre e Naro (1998), Simões e Soares (2005), y otros autores, señalan hablando que el fenómeno puede variar dependiendo de las prácticas sociales en que los individuos están inseridos, como también los años de escolarización y la su aproximación con la cultura letrada. Haciendo una reflexión sobre cuestiones como estas, el presente artículo procura discutir algunos factores extralingüísticos que influyen durante el proceso de adquisición de la CNSN. Para esto, hicimos la coleta de datos de 39 niños que tienen entre 4-5 años de edad, de la ciudad de Pérola D'Oeste, con la aplicación de un experimento de producción eliciada, que fue realizado por Roza (2015). Los niños son provenientes del contexto “rurbano”, que es un término utilizado por Bortoni-Ricardo (2004). Fue comparados los datos de los niños investigados por Roza (2015) que son de el contexto urbano, que presentó la producción de 63,3% de marcación redundante,

¹ Aluna do Curso de Letras - Português e Espanhol da Universidade Federal da Fronteira Sul - Campus Realeza.

² Professora de Língua Portuguesa e Linguística da Universidade Federal da Fronteira Sul - Campus Realeza, orientadora deste Trabalho de Conclusão de Curso.

en cuanto el contexto urbano, que fue investigado por nosotras, presentó la producción de 26,7% de marcación redundante. Esto quiere decir que en el contexto urbano de Pérola D'Oeste, lo que se presentó predominante entre los hablantes, en lo que se refiere a la adquisición de la concordancia de número en el sintagma nominal, es la marcación no redundante.

Palabra-CLAVE: *Adquisición de la lengua. Concordancia de número del sintagma nominal. Variación lingüística .*

1. INTRODUÇÃO

Dentro da perspectiva gerativista, qualquer criança é capaz de adquirir uma língua, desde que seja exposta a uma. Destacam Grola e Figueiredo Silva (2014) que por mais diversas que sejam as línguas naturais, “[...] o curso da aquisição da linguagem é o mesmo em qualquer língua [...]” (GROLA e FIGUEIREDO SILVA, 2014, p.62). Quando se diz que a criança deve ser exposta a uma língua, destaca-se, na teoria, o papel do *input* no processo de aquisição da linguagem. Como toda língua é passível de variação, logo, o input a que a criança terá acesso também é sempre variável.

Quando falamos de variação lingüística, nos remetemos diretamente à sociolingüística, a qual estuda a língua viva dentro das comunidade de falantes. Ela investiga tanto os fatores lingüísticos como os fatores extralingüísticos que levam à variação. Neste sentido assim como outras pesquisas como a de Scheineider (2012), esta pesquisa é de cunho aquisicionista, porque busca investigar o desenvolvimento lingüístico de um aspecto do PB numa determinada fase de aquisição (4-5 anos de idade), mas também sociolingüístico, porque investiga os fatores extralingüísticos capazes de interferir nas variedades lingüísticas adquiridas pelas crianças brasileiras.

Sendo assim, esta pesquisa irá abordar no processo de aquisição da linguagem das crianças, um fenômeno lingüístico chamado concordância de número no sintagma nominal (CNSN). Entretanto, será observado os fatores extralingüísticos que influenciam para que este fenômeno manifesta-se na fala das crianças.

A experiência que será apresentaremos foi replicada a partir dos experimentos empregados por Roza (2015) entre crianças da mesma faixa etária. Esse Experimento consiste de maneira muito simples, na qual através da apresentação de imagens pré selecionadas,

havia imagens de familiarização, distratoras e algumas que induzem o falante a fazer uso da concordância de número no sintagma nominal.

Foi possível coletar várias amostras a partir das imagens, como na imagem em que havia cães dentro de macacões pendurados em um varal. A marcação do CNSN se deu de diferentes formas, como apresentados nos exemplos :

1. “Varios cachorros em roupas” (marcação em todo o SN redundante)
2. “cachorrinhos nas calça” (marcação em dois elementos do SN)
3. “Os cachorro nas ropa” (marcação apenas no primeiro elemento do SN)

Simões e Soares (2015, p.124) apontam para estudos sobre o português brasileiro (PB) que mostram a existência de variantes que marcam o plural de diferentes maneiras, podendo ser no primeiro elemento do constituinte nominal (os tomate), ou ainda havendo mais de uma marca (os tomates vermelho) ou então em todos os elementos (os tomates vermelhos). Mostram ainda que essas diferentes variantes estão ligadas a “[...] condicionadores estritamente linguísticos e também sociais e estilísticos, relacionados às experiências sociais e culturais envolvendo maior ou menor aproximação com a cultura letrada”.

As pesquisas feitas pelas autoras Simões e Soares retratam as experiências de crianças, nos seus diferentes contextos de aquisição da língua materna, mostrando como essas experiências, ligadas a contatos com a cultura letrada com mais ou menos frequência, revelam diferenças no que se refere à aquisição da concordância nominal de número.

Uma das pesquisas relatadas por Simões e Soares, em uma microrregião de moradia habitada por diferentes grupos sociais e localizada em uma região não regularizada de Porto Alegre, apontou que as crianças que são filhas de mães institucionalizadas³ e que por conta disso, têm acesso a livros, DVDs, shopping, etc, apresentaram a CNSN redundante com maior frequência (cerca de 18%), comparadas às crianças filhas de mães com empregos informais, que moram na parte menos populosa da comunidade e que têm menos acesso a eventos da cultura letrada (cerca de 7%).

Nos questionando a partir de pesquisas como esta realizada por Simões e Soares (2015), buscamos verificar se há diferentes variantes entre crianças de uma pequena cidade do

³ As autoras trazem em sua pesquisa como “institucionalizadas”, as mães que possuem carteira de trabalho devidamente registradas em um emprego regular.

interior do Paraná, chamada Pérola D'Oeste. Considerando o fato de que é uma cidade pequena, nos baseamos em pesquisas sociolinguísticas que abordam contextos como estes. Bortoni-Ricardo (2004) em seus estudos sociolinguísticos define este contexto de pequena cidade com o termo “Rurbano”. Para mais, Bortoni-Ricardo (2005) trata do contexto entre essas pessoas como uma rede de relacionamento muito próxima, denominado como “redes densas”. Essas questões discutiremos no percurso deste artigo.

Para o fechamento, buscamos analisar e comparar os dados entre as crianças de Pérola D'Oeste com um grupo de adultos da mesma cidade e depois comparar os dados de Roza (2015), a qual replicamos o experimento. A autora aplicou o experimento de Produção e Imitação Eliciada em crianças de classe média, estudantes da rede privada de ensino e que residem na região central de Francisco Beltrão.

O artigo está dividido da seguinte forma: na próxima seção, vamos apresentar as teorias que foram fundamentais para a realização do nosso trabalho. A seção 3 vai caracterizar o município no qual realizamos a pesquisa. A seção 4 apresenta a metodologia empregada. Em seguida, na seção 5, apresentamos e discutimos os dados para encerrar as discussões na seção 6, na qual estão as considerações finais.

2.1. Gerativismo e aquisição da língua

O processo de aquisição de linguagem tem sido estudado há muito tempo e algumas hipóteses têm tentado explicar este processo. Há outras⁴ teorias que discutem o processo de aquisição da linguagem, porém o enfoque deste trabalho está relacionado à hipótese gerativista. Grolla e Figueiredo Silva (2014) apresentam cinco aspectos centrais que permeiam o processo de aquisição segundo o gerativismo, aspectos esses que outras teorias não conseguiram dar conta de explicar, sendo eles: (i) a *universalidade* do processo; (ii) a *uniformidade*; (iii) o *input*; (iv) a *rapidez* e (v) a naturalidade de todo processo .

O primeiro aspecto que as autoras trazem é a universalidade do processo. O processo de aquisição da língua é o mesmo em qualquer língua, as crianças passam pelos mesmos estágios até adquirir pelo menos uma língua (materna). Outro aspecto que as autoras destacam

⁴ As teorias mais conhecidas são a Hipótese da Imitação e a Hipótese Comportamentalista. Uma reflexão sobre ambas hipóteses pode ser encontrada no Livro “Para conhecer aquisição da linguagem” de Grolla e Figueiredo Silva (2014).

é que há uma uniformidade durante o processo de aquisição. Por mais que hajam diferenças entre experiências e *inputs* diferentes, as crianças vão acabar adquirindo a mesma língua, por exemplo, o Português Brasileiro.

O terceiro aspecto é que a língua adquirida depende do input. O que vai determinar a língua da criança é a língua falada ao seu redor: “Se uma criança filha de brasileiros é criada na China por falantes de chinês, ela vai adquirir chinês” (GROLA e FIGUEIREDO SILVA, 2014, p.62).

Para além dos aspectos mencionados anteriormente, outro aspecto muito interessante é que a aquisição da língua materna acontece de maneira muito rápida, sendo que a criança consegue, por volta dos cinco anos, ter desenvolvido quase a totalidade de conhecimento da sua língua. Por fim, o quinto aspecto mencionado por Grolla e Figueiredo Silva diz respeito ao fato de que as crianças adquirem uma língua num processo natural e sem esforço, não passam por nenhum treinamento especial, a aquisição é praticamente involuntária. “A aquisição simplesmente acontece” (GROLA e FIGUEIREDO SILVA, 2014, p.61). Portanto, todas as crianças em condições típicas⁵ adquirem sua língua alvo sem instruções, ou mesmo esforço.

Considerando todos esses aspectos, o gerativismo desenvolveu a hipótese de que a capacidade de adquirir uma língua é inata, para qual já nascemos dotados. É a partir dessa hipótese que o gerativismo procura dar conta dos cinco aspectos mencionados acima que permeiam o processo de aquisição de uma língua materna

Todos esses aspectos dão conta do chamado “Problema de Platão”, questionando como as crianças são capazes de dar conta, em tão pouco tempo, com base em dados tão caóticos, de adquirir e dar conta, sem qualquer instrução, da complexidade da sua língua alvo.

Essa capacidade, com a qual toda criança nasce, é traduzida na hipótese da Gramática Universal (GU) . Mas se essa capacidade é inata, qual seria o papel do input neste processo? Grolla e Figueiredo Silva (2014) apontam que por mais que o input seja pobre, degradado e desorganizado, a criança possui a GU.

A GU seria, por hipótese, constituída de regras que não variam entre as línguas, chamadas de “princípios”, e regras que variam entre as línguas, chamadas de “parâmetros”. Esse parâmetro equivalem por exemplo ao “parâmetro do sujeito nulo”, que é o

⁵ Típicas: sem eventuais problemas ou deficiências.

“[...]preenchimento lexicalmente obrigatório ou não da posição do sujeito nas línguas” (GROLA e FIGUEIREDO SILVA, 2014, p.84) .Os parâmetros são variações que ocorrem, como as diferenças entre o Português Brasileiro e o Português Europeu, por exemplo. Já os princípios são regras respeitadas universais entre as línguas humanas. O papel da criança, então, no processo de aquisição, seria marcar os parâmetros, na GU, em função do input ao qual a criança está exposto.

Quando a criança se encontra no processo de aquisição da língua, o meio em que ela vive dá a ela o input necessário para que a aquisição da língua materna ocorra. O input ao qual a criança é exposta é naturalmente variável e esta variação vai aparecer nas formas linguísticas que a criança adquire. Este trabalho teve como foco olhar para a aquisição da concordância de número no sintagma nominal, observando de que forma os fatores extralinguísticos interferem nessas formas que as crianças adquirem.

2.2. Fatores extralinguísticos: o contexto urbano e o processo de aquisição

Dentro da linguística, a sociolinguística é responsável por investigar fatores linguísticos e extralinguísticos que interferem no uso da língua. Os fatores extralinguísticos vão desde o grau de escolarização, o acesso à cultura letrada, nível social a até mesmo fatores regionais.

Durante a aquisição, as crianças adquirem a língua de acordo com o *input* a que elas estão expostas, o qual pode variar diante dos fatores extralinguísticos que estão influenciando a língua dos falantes que estão a sua volta. Dentre os fatores que levam à variação (regionais, sociais, estilísticos), destacamos os fatores sociais, que põe em destaque, entre outras coisas, questões culturais e econômicas.

Essa variação (também conhecida como variação diastrática) está relacionada a fatores concernentes à organização socioeconômica e cultural da comunidade. Entram em jogo fatores como a classe social, o sexo, a idade, o grau de escolaridade, a profissão do indivíduo. São exemplos típicos de variação social: a vocalização do -lh- > -i- como em mulher/muié; a rotacização do -l- > -r- em encontros consonantais como em blusa/brusa; a assimilação do -nd- > -n> como em cantando/cantano; a concordância nominal e verbal como em os meninos saíram cedo/ os menino saiu cedo. (GORSKI E COELHO, 2009, p.77)

As autoras destacam exemplos que são comuns e que já ouvimos em vários momentos, como a vocalização do” -lh-> -i-” em mulher/muié, que podem marcar uma identidade social. Além disso, as autoras colocam como exemplo a variação na concordância de número no sintagma nominal, mostrando um exemplo de marcação redundante (os meninos) e não redundante (os menino), destacando esse como um caso de variação social. Isso quer dizer que o emprego da variação redundante ou não redundante está relacionada a fatores sociais, regionais e ou mesmo estilísticos, que também influenciam a aquisição da CNSN no Português Brasileiro.

Os fatores extralinguísticos estão presentes no Português Brasileiro (PB) em diferentes comunidades de falantes desta língua, e exercem uma grande influência sobre os aspectos linguísticos dos falantes destas comunidades. Vamos olhar apenas para os aspectos entre os contextos rurais e urbanos, que é o nosso principal foco. Estes dois contextos apresentam diferenças de ordem cultural (teatros, cinema, etc), comercial e até mesmo o acesso aos meios de comunicação televisivos, radiofônicos, impressos, etc.

Para olharmos para este contexto de falantes do meio rural e urbano, podemos nos basear em estudos elaborados pela autora Stella Maris Bortoni Ricardo que, em suas obras, retrata a situação sociolinguística em várias esferas. Considerando que o município de Pérola D’Oeste, no qual coletamos os dados de crianças e adultos, é um município pequeno em que, muitas vezes, rural e urbano se confundem e as famílias convivem nesses dois contextos, vamos lançar mão de Bortoni-Ricardo (2005), com o objetivo de investigar a variação dentro de sistemas sociais, a autora traz o termo “redes sociais densas” que são as relações estreitas entre os falantes de pequenos grupos. A autora refere-se a “densidade” como a noção matemática de “completeza”, isto é, o máximo de ligações que efetivamente existem entre as pessoas de uma comunidade (BORTONI-RICARDO, 2005, p.94).

As “redes densas ou com densidade”, portanto, são pequenas comunidades e cidades, nas quais é comum as pessoas conhecerem umas às outras. Essa relação acentuada e “densa” entre as pequenas comunidades é chamada pela autora de “multiplex”, que está relacionada às diferentes condições em que as pessoas se relacionam, que pode ser desde parentes, a vizinhos, amigos do trabalho, etc.

No entanto, essa “densidade” é menor em grandes centros urbanos e tecnologicamente desenvolvidos, pois não se tem a mesma ligação efetiva entre os indivíduos. Geralmente as pessoas possuem relações corriqueiras do dia a dia, comum onde vivem muitas

peessoas. A esse tipo de relação, no qual a “densidade” é baixa, Bortoni-Ricardo refere-se como uma relação “uniplex”, como existe entre o médico e o paciente, por exemplo.

Sendo assim, a densidade nas redes está ligada às altas ligações sociais entre pessoas presentes nas comunidades. A alta densidade e a multiplexidade é encontrada nas pequenas comunidades tradicionais, nas quais os indivíduos conhecem praticamente todos que são pertencentes àquela comunidade. Seria a realidade, de modo geral, das pequenas cidades interioranas no Brasil. Diferentemente de contextos como esses de comunidades pequenas, as cidades de grandes proporções populacionais apresentam uma rede com densidade baixa e uniplex.

Essa dicotomia, decorrente das relações pessoais dos falantes de pequenas cidades e grandes centros, relaciona-se aos diferentes contextos e padrões sociais a que estão expostos estes indivíduos. Bortoni-ricardo (2004) trata essas diferenças entre os aspectos sociais, como o “contínuo de urbanização” que não apresenta fronteiras entre os falares rurais, rurbanos e urbanos. O termo rurbano, empregado pela autora, refere-se a um grupo de falantes que não é rural e nem urbano, e para explicar este termo a autora traça uma linha na qual existem dois pólos, em um lado as variedade rurais isoladas e no outro as variedades urbanas padronizadas. Entre esses dois pólos foi surgindo a área rurbana de “falantes rurbanos”. Esse traço é chamado de “contínuo de urbanização”.

O contínuo de urbanização é representado pela autora como uma linha em que há esses dois pólos, num lado as variedades linguísticas rurais e isoladas (geograficamente distantes) e no outro polo as variedades linguísticas urbanas padronizadas (onde há a cultura do letramento). Porém, com o passar dos anos, essa linha foi se reorganizando novamente, pois começou o processo de migração das pessoas da zona rural para as cidades. Formou-se assim os grupos rurbanos, que são compostos por indivíduos falantes do PB, migrantes de origem rural que são descendentes e/ou preservaram culturas interioranas, principalmente no seu repertório linguístico. Também destaca-se como rurbano a “[...]comunidade interiorana residente em distritos ou núcleos semirrurais, que estão submetidas à influência urbana, seja pela mídia, seja pela absorção de tecnologia agropecuária.” (BORTONI-RICARDO, 2004, p.52).

Considerando o que discutimos até então, os estudos de Bortoni-Ricardo (2005) Bortoni-Ricardo (2004) e Gorski e Coelho (2009), foram fundamentais para nos orientar em nossa pesquisa no que se refere aos fenômenos sociolinguísticos, considerando os fatores

extralinguísticos. Também nos ajudaram a situar as condições e em que contexto os falantes da pesquisa estão inseridos na cidade de Pérola d'Oeste a qual podemos, agora, considerar como urbana, nos termos de Bortoni-Ricardo.

2.3. O fenômeno da concordância de número no sintagma nominal

Assim como qualquer língua do mundo, o PB é uma língua que apresenta variação em vários níveis, desde fonológicos a morfossintáticos, como também no léxico. O fenômeno que vamos tratar aqui está no nível morfossintático.

Partindo de pesquisas como Scherre (1994), Scherre e Naro (1998), Roza (2014), Simões e Soares (2015), entre outros, trataremos de investigar o fenômeno da concordância nominal de número no processo de aquisição da linguagem, olhando para fatores extralinguísticos que interferem nas variantes que a criança adquire. No PB atual, a concordância de número no sintagma nominal é variável, podendo ocorrer de diversas formas:

4. Os gatos amarelos.
5. Os gatos amarelo.
6. Os gato amarelo.

No exemplo (1), vemos a marcação de plural presente em todos os elementos que compõem o SN, o que chamamos de marcação redundante. Já em (2) a marcação de plural não aparece, apenas, no último elemento relacionado ao SN. Por fim, em (3) temos a chamada marcação não redundante, em que apenas no determinante a marca de plural aparece.

Estudos clássicos sobre esse fenômeno linguístico, como os de Scherre (1994), Scherre e Naro (1998), entre outros, mostram que essa variação na concordância de número no SN é consequência de fatores linguísticos e extralinguísticos. Entre os fatores linguísticos estão, por exemplo, a saliência fônica e a posição dos elementos em relação ao núcleo do sintagma. Já entre os fatores extralinguísticos, os autores sinalizam variáveis sociais, como os anos de escolarização, a faixa etária e classe social.

Scherre e Naro (1998) verificaram a variação na CNSN, observando três variáveis sociais convencionais: faixa etária, anos de escolarização e sexo. O resultado mostrou que

“Apresentam mais a variante explícita as pessoas com mais anos de escolarização e as do sexo feminino” (SCHERRE e NARO, 1998, p.11). Os resultados revelaram que mulheres empregaram 76% e os homens 65% da concordância redundante.

A escolarização mostrou dados expressivos também no que se refere ao emprego da marcação redundante. Pessoas que ficaram na escola entre 1 a 4 anos apresentaram 62% de marcação redundante; as que ficaram de 5 a 8, 71% e as de 9 a 11 anos de ensino apresentaram 82% de concordância redundante nos SNs. Com relação à faixa etária, os números mostram que as pessoas entre 15 a 25 anos apresentam 72% de marcação redundante e as de 25 a 49 anos, 75%. Já crianças de 7 a 14 anos e pessoas mais idosas, de 50 a 71 anos de idade, apresentam estimativas menores, de 65% e 68% de concordância redundante no SN, respectivamente (SCHERRE e NARO, 1998. p. 11).

Também observando fatores sociais, Simões e Soares (2015) relataram pesquisas realizadas com crianças pré-alfabetização, medindo a frequência da marcação redundante da CNSN nos dados dessas crianças. Neste texto as autoras relacionam resultados de várias pesquisas, observando os dados de crianças de dois contextos diferentes, deixando claro que as diferentes experiências entre as crianças, apresentam consequência para a variante da CNSN a ser empregada.

O primeiro caso relatado pelas autoras é de crianças de classe social média alta, filhas de médicos, advogados, dentistas, entre outras ocupações, que são alunas de uma escola particular, localizada na região central da cidade de Novo Hamburgo (RS), pesquisa desenvolvida por Scheneider (2012). As crianças apresentaram cerca de 91% de marcação redundante, considerando uma análise não atomística⁶. Uma segunda pesquisa relatada pelas autoras é a de Viegas e Simões (2012). Essa segunda pesquisa foi realizada numa região de periferia da cidade de Porto Alegre, numa comunidade de papeleiros chamada de Beco da Palmeiras (nome fictício). As crianças analisadas são filhas de pessoas simples, muitas com empregos informais e de renda baixa, além de ser um contexto de pouco acesso à cultura letrada. Os dados das crianças do Beco das Palmeiras apresentaram marcação redundante muito menor, quando comparamos aos dados das crianças de Novo Hamburgo, cerca de 15%, também considerando a análise não atomística.

⁶ Em uma análise atomística cada elemento que comporta a flexão de número é considerado um dado. Já na não atomística, olha-se conjuntamente para o sintagma nominal, considerando-o como um dado.

A partir das reflexões e dos dados apresentados pelas autoras, não pode-se descartar em nenhum momento que o contato com a cultura letrada (menor ou maior) pode sinalizar diferentes variáveis na concordância nominal de número. O input a que as crianças estão expostas terá reflexo sobre a variante/variantes que a criança vai adquirir e utilizar com maior frequência. Logo se no input a que a criança está exposta, os falantes usam “os tomate” com frequência maior e as crianças acabam tendo mais contato com essa variante, é essa variante que vai aparecer com maior frequência em sua fala

Para fechar essa discussão, apresentamos os dados de aquisição da CNSN de Roza (2015), que realizou sua pesquisa na cidade de Francisco Beltrão, na região sudoeste do Paraná. O objetivo da pesquisa foi verificar a aquisição da concordância de número no sintagma nominal, mais especificamente observando os fatores linguísticos condicionantes da variação da CNSN. Para isso, a autora coletou dados de 20 crianças entre 4-5 anos de idade, de uma escola privada da cidade. As crianças são todas moradoras da região central da cidade de Francisco Beltrão.

Para a coleta de dados, a autora aplicou experimentos de produção e imitação eliciada. Vamos nos deter apenas aos dados de produção eliciada, uma vez que utilizamos apenas esse experimento: Cada criança foi convidada a participar de uma brincadeira na qual, a partir de imagens pré-selecionadas em slides, a criança deveria dizer o que estava vendo, a partir da pergunta “O que está acontecendo aqui?”. Dessa maneira as crianças respondiam gerando sentenças com sintagmas nominais plurais como “os coelhos estão pintando os ovos, por exemplo, a partir da imagem abaixo:

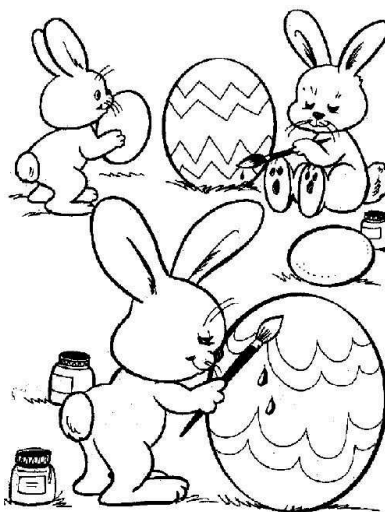


Imagem do experimento de Roza (2015)

Na tabela abaixo, podemos observar os resultados gerais dos dados:

GERAL REDUNDANTE E NÃO REDUNDANTE		
DADOS DE PRODUÇÃO ELICIADA		
	ADULTOS	CRIANÇAS
REDUNDANTE	21/52%	50/63,3%
NÃO REDUNDANTE	19/47,5%	29/ 36,7%

Tabela 2 (ROZA, 2015, p.13): Percentual de marcação redundante e não redundante, nos dados de adultos e crianças, nos experimentos de produção eliciada.

Como podemos observar na tabela, as crianças apresentaram, nos dados de produção eliciada (experimento que replicamos em nossa pesquisa), 63,3% de marcação redundante e 36,7% não redundante; enquanto os adultos do grupo de controle apresentaram 52,5% redundante e 47,5% não redundante. Estes dados revelaram que as crianças apresentaram a marcação redundante um pouco maior do que os adultos, os quais não sabemos ao certo a proveniência⁷. Quando a criança chega na escola, esta já possui uma variante, trazida do contexto em que ela está inserida. No caso apresentado por Roza (2015), as crianças possuem as duas variantes, as quais chegam na escola e dominam as duas regras para a realização da CNSN. No entanto, os dados apontam que a concordância redundante é a mais frequente, considerando o teste de produção eliciada que a autora aplicou.

Simões e Soares (2015) lembram que o português brasileiro apresenta muitas especificidades que estão ligadas a grupos sociais diversos. Além do fato de que a diferença entre a produção de formas padrão ou não padrão entre as crianças também está ligada ao contexto e às oportunidades sociais.

De acordo com Simões e Soares (2015,p. 141):

Crianças com maiores oportunidades de circulação em meio letrado e altamente escolarizado produzem mais formas padrão, mesmo antes de ir à escola. E todas (não importa a classe social) usam sua língua de modo muito confortável, fluente e preciso.

⁷ A autora buscou adultos de maneira aleatória na cidade de sua pesquisa, pois diferente de nossa pesquisa, ela observou fatores linguístico condicionadores da variação na aquisição das crianças.

Não podemos deixar de analisar o contexto social das crianças que participaram dos experimentos de Roza e Scheneider. No caso das crianças da pesquisa de Roza (2015), assim como as crianças da pesquisa de Schneider (2012) com as crianças de Novo Hamburgo, estas são pertencentes a um grupo de classe social mais elevada e, por consequência, tem maior acesso à cultura letrada, como destacaram Simões e Soares, por conta das condições financeiras e sociais.

Considerando os fatores apontados por Simões e Soares, os falantes que vivem em regiões mais periféricas apresentam diferença na marcação da CNSN, e esses fatores são marcados a partir do contexto que esses indivíduos estão inseridos. Pensando no afastamento de grandes centros, o meio rural apresenta estilo de vida diferente do urbano, que tende a ser mais agitado, com vários mercados, lanchonetes, cinema (etc). O contexto rural é marcado pela tranquilidade. Geralmente são comunidades pequenas, cheias de famílias tradicionais (no que se refere a costumes próprios) descendentes de imigrantes e simples.

Essas comunidades são aglomeradas em volta das pequenas cidades, onde habitam filhos de agricultores, agricultores aposentados e pessoas que buscaram um estilo de vida mais tranquilo, e também pessoas que trabalham no comércio e atendem agricultores e pessoas da cidade, tornando a convivência muito próxima entre os dois meios (rural e urbano).

Neste sentido, considerando as diferenças encontradas em regiões mais centrais e regiões mais periféricas, nas pesquisas relatadas por Simões e Soares, ficamos curiosos por observar se essa diferença também pode se verificar entre os meios rural e urbano ou rurbano. Para que se observe este fenômeno, elegemos uma cidade no interior do Paraná, a qual descreveremos na próxima seção.

3. O MUNICÍPIO DE PÉROLA D'OESTE

Localizada na região sudoeste do Paraná, a cidade na qual foi feita a pesquisa chama-se Pérola D'Oeste, e se encontra mais afastada dos grandes centros, tendo como o centro maior mais próximo a cidade de Francisco Beltrão, que fica a 100 km. Pérola D'Oeste é movida pela agricultura, sendo que a maior parte dos seus habitantes localiza-se no meio rural, em pequenas comunidades agrícolas. Porém, essas comunidades agrupam-se em volta

da pequena cidade, onde vivem muitos agricultores aposentados e pessoas trabalhadoras que convivem com agricultores, em bancos, mercados, postos de gasolina, escola, etc. Logo, por estas características, podemos considerar este contexto como “rurbano”.

O termo “rurbano” nos remete a Bortoni-Ricardo (2004), conforme já discutido acima, que usa este termo para se referir ao contexto em que a aproximação entre o rural e o urbano é tão intensa que acaba misturando-se, como em estudos já elaborados pela autora, na cidade de Brazlândia, uma cidade satélite de Brasília (DF). Neste estudo, a autora foca no estilo de vida urbano em que vivem migrantes do meio rural e os impactos e consequências linguísticas que ocorreram junto às mudanças de estilo de vida.

Continuando a discussão sobre a cidade de Pérola d’ Oeste, destaca-se que além de um porte territorial pequeno, há um número de habitantes pequeno também. Segundo dados do IBGE do ano de 2010, o território era de 206,047 Km², com uma população total de 6761 habitantes. Destes habitantes, cerca de 3187(47,14%) habitavam a área urbana e 3574 (52,86%) habitavam a área rural do município. Segunda informações colhidas no site oficial da prefeitura⁸, o município detém a sua cultura mais voltada às tradições gauchescas, pois a maior parte da população é descendente ou migrou da região extremo sul do país, (Rio Grande do Sul e Santa Catarina).

Destaca-se também a participação do PIB arrecadado pela prefeitura. A economia do município é cerca de 41,52% advinda da agricultura e 1,68% industrial. Há também a parte de serviços em geral do comércio e afins, que gera 56,80%, mas lembrando que toda a população da zona rural utiliza-se destes serviços (mercados, posto de gasolina, lojas, etc).

Como em algumas discussões trazidas por Bortoni Ricardo (2005), em um dos seus livros que aborda a questão da variação da linguagem em nosso país, a autora verificou a questão migratória campo e cidade. Observando a questão do crescimento urbano desordenado a partir dos anos 1960-1970, pode-se observar, a partir dos últimos censos realizados pelo IBGE, que a população urbana no país aumentou consideravelmente. No último censo do IBGE (2000), o qual a autora analisa, diz que, em 35 anos, a população na zona rural passou de 50% para 19% totalizando 175 milhões de brasileiros.

Contestando essa questão do quanto o Brasil ainda é um país agrário em questões econômicas, territoriais e populacionais, Bortoni traz a discussão de outro autor, um professor da USP chamado José Eli da Veiga, o qual escreveu o livro “Cidades imaginárias” de 2002.

⁸ Para mais informações sobre o município de Pérola D’Oeste visite o site: <http://www.peroladoeste.pr.gov.br/>

No estudo realizado por Eli da Veiga, o autor contesta a fragilidade e a seguridade dos dados apresentados pela metodologia utilizada pelo IBGE. Bortoni trata e interpreta que segundo o autor “O equívoco na metodologia censitária tem origem em um decreto do Estado Novo de 1938, que considera área urbana toda sede de município ou distrito, independente do tamanho e das características das atividades produtivas de sua população. (BORTONI-RICARDO, 2005, p.92). Dessa forma, considera-se para o sistema do IBGE que área urbana é todo ou qualquer lugar que possui uma sede (Prefeitura), independente da identidade sociocultural, economia ou território. Ainda discutindo sobre isso, Bortoni apresenta o que, para Eli da Veiga, seria o mais “adequado” para definirmos como áreas urbanas:

Eli da Veiga argumenta que os parâmetros da OCDE (Organização de Cooperação e desenvolvimento Econômico) são mais adequados que a metodologia oficial do IBGE. Segundo a OCDE, para um município ser considerado urbano, teria de apresentar uma densidade demográfica de 150 habitantes/Km² e uma população nunca menor que 50 mil habitantes. Se aplicados esses parâmetros, os 5.507 municípios brasileiros urbanos, passariam a 411. (BORTONI-RICARDO, 2005, p.92).

Neste sentido, se considerarmos tal adaptação, à cidade de Pérola d’Oeste, onde investigamos o fenômeno da CNSN, estaria enquadrando-se dentro dos parâmetros de cidade urbana, a qual definimos a partir dos estudos de Bortoni-Ricardo, para a qual o termo “rurbano” define “as populações rurais com uma razoável integração com a cultura urbana e populações urbanas com uma razoável preservação de seus antecedentes rurais [...]” (BORTONI-RICARDO, 2005, p.92)

Diferentemente da nossa pesquisa, a pesquisa de Roza, discutida na seção anterior, foi realizada na cidade de Francisco Beltrão. A cidade na qual Roza (2015) realizou a sua pesquisa, se considerarmos os parâmetros da OCDE, define-se como urbana. A pesquisa aconteceu com falantes (crianças e adultos) da parte central da cidade, com uma realidade bem diferente dos falantes que investigamos neste estudo. Utilizamos os mesmos métodos de coleta de dados da autora para verificarmos o mesmo fenômeno por ela analisado, a CNSN, no entanto, em um contexto social diferente.

4. METODOLOGIA DO ESTUDO

Esta pesquisa foi realizada junto a 39 crianças de 4-5 anos de idade de uma escola municipal da cidade de Pérola D'Oeste. Foram coletados dados de três turmas, nas quais há alunos provenientes da cidade e alunos provenientes do meio rural. Para a coleta dos dados, utilizamos o mesmo experimento de produção eliciada⁹ empregado por Roza (2015).

Também aplicamos o experimento junto a 10 adultos, falantes do português brasileiro (PB), pertencentes à mesma comunidade das crianças com até o grau de escolarização médio e que sempre moraram na cidade de Pérola D'Oeste. São pessoas que vivem na zona rural e urbana da cidade, as quais são donas de comércio, outras trabalham em comércios e também há agricultores que nasceram e vivem nas terras que herdaram dos seus antepassados. Estes são os adultos compuseram o grupo de controle.

A reprodução do experimento de Roza (2015), tal e qual foi aplicado pela autora, teve a finalidade de observar se o contexto social das crianças pesquisadas acarretaria diferenças no uso da marcação de CNSN. Tal forma de pesquisa foi feita porque acreditávamos que haveria a possibilidade de diferenças, pois as crianças são de contextos diferentes: as da pesquisa de Roza (2015) de um local urbano e as deste estudo de um espaço urbano, conforme definimos acima. Esta expectativa se embasa nas diferenças apresentadas por Simões e Soares (2015), conforme indicamos acima.

Como já mencionado, para obter os dados da pesquisa, aplicamos os mesmos experimentos de produção eliciada utilizados por Roza (2015). Estes experimentos consistiam em imagens que eram apresentadas às crianças, como por exemplo uma imagem em que havia formigas carregando folhas, conforme vemos abaixo:



Imagem do experimento de Roza (2015)

⁹ Para a discussão sobre os experimentos de produção eliciada, ou mesmo sobre outros experimentos utilizados em pesquisas de aquisição da linguagem, é possível consultar Grolla e Figueiredo Silva (2015).

Apresentávamos a imagem à criança e perguntávamos “O que está acontecendo aqui?”. As imagens induziram o falante a fazer uso da concordância de número no sintagma nominal. Após o levantamento de dados, consideramos o contexto rural, urbano ou urbano para analisarmos os dados

Como já dito, foram analisados os dados de 39 crianças, das quais 28 eram pertencentes à área urbana do município e 11 pertencentes à área rural. Para poder verificar a proveniência das crianças, foi analisado o plano diretor do município, para observar o que era definido como área urbana e área rural no plano e, partir disso, separamos os dados das crianças, com o objetivo de verificar se além da diferença entre os dados de Roza e os nossos, se, dentre os nossos, encontrávamos diferentes entre os dados das crianças da área considerada rural em relação às crianças da área considerada urbana.

As crianças pertencentes a zona rural eram de diferentes regiões agrícolas. Cada comunidade agrícola leva um nome, e os pesquisados eram pertencentes a 7 comunidades diferentes: Linha Santos Anjos, Linha São Leopoldo, Linha São Valentim, Linha Vitória, Linha Boa Vista, KM 40 e KM 37. As que pertenciam ao perímetro urbano eram do centro do município, como assim é considerado no plano diretor.

Para que pudéssemos dar sequência a realização dos estudos e experimentos com as crianças e os adultos, é importante destacar que este trabalho foi submetido ao comitê de ética em pesquisa da UFFS. O trabalho teve seu desenvolvimento aprovado sob o número de parecer 2.725.790.

A aproximação e familiarização com as crianças foi feita a partir de um personagem inventado pela pesquisadora chamado “Zé”, o qual era um fantoche manuseado pela própria pesquisadora. A familiarização com o personagem ocorreu nas três turmas da escola onde as crianças estudam. Os alunos estavam distribuídos em uma turma no período matutino com 20 crianças matriculadas (Turma A), e duas turmas do período vespertino, contendo em uma turma 16 alunos (Turma B) devidamente matriculados e outra 19 alunos (Turma C). Não foram pesquisadas todas as crianças que apareciam nos livros de chamadas, pois algumas não estavam presentes no dia da coleta, e outras haviam mudado para outra cidade.

Para a análise dos dados, preferimos equilibrar a quantidade de crianças, sendo utilizamos os dados das 11 crianças na zona rural e das 11 primeiras crianças urbanas que participaram do experimento para criar este equilíbrio entre a quantidade das crianças.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção, apresentaremos os resultados dos dados das crianças e adultos obtidos através da metodologia que descrevemos na seção anterior. Será apresentada de forma ordenada nas tabelas o emprego da marcação redundante e não redundante, de forma que podemos observar primeiramente os resultados gerais de cada grupo (crianças e adultos) e posteriormente os dados de proveniência dos grupos das crianças (Rural vs. Urbano).

Também nesta seção, iremos comparar os dados de proveniência entre os dados obtidos da experiência de Roza (2015) e Gripa (2018). Serão observados os fatores extralinguísticos que geraram os resultados que acompanhamos no decorrer da observação dos dados entre as crianças.

Os dados obtidos foram analisados observando os fatores extralinguísticos presentes nas falas das crianças e dos adultos. Para começarmos a apresentação e discussão dos dados observemos a tabela abaixo:

Tabela 1: Dados de uso da CNSN das 22 crianças pesquisadas

Redundante	26,7% (20)
Não Redundante	73,3% (55)
Total	100% (75)

Como podemos observar, 73,3% dos dados são de marcação não redundante, enquanto apenas 26,7% são de marcação redundante, mostrando a predominância da marcação não redundante nos dados gerais das crianças. Destacamos que todos os sintagmas nominais plurais gerados pelos experimentos eram compostos de apenas dois constituintes, como “as folha” ou “os ovos”.

Agora observemos a tabela com os dados gerais dos adultos comparando com os dados gerais das crianças:

Tabela 2: Dados gerais de uso da CNSN entre as crianças e grupo de adultos pesquisados

Crianças		Adultos	
Redundante	26,7% (20)	Redundante	51,2% (21)

Não Redundante	73,3% (55)	Não Redundante	48,8% (20)
----------------	------------	----------------	------------

A princípio, consideremos o primeiro fato, de que os adultos produziram maior marcação redundante que as crianças, mesmo que apresentem menos dados que as crianças, porque eram apenas 10 adultos. A marcação redundante entre os adultos equivale a 51,2% e entre as crianças 26,7%; enquanto a marcação não redundante apresentou entre os adultos 48,2% e as crianças 73,3%, um valor bem maior que os adultos.

Agora, consideremos os fatores extralinguísticos, observando primeiro o fator social, como o grau de escolarização. Levemos em consideração que os adultos já passaram pelo processo de escolarização, ou possuem pelo menos o Ensino Fundamental completo. Poderíamos dizer que as crianças ainda estão em processo, e que os dados delas também poderão avançar de acordo com a escolarização, pensando que conforme avancem no processo de ensino, venham a incorporar mais formas redundantes. Isso porque irão ler, escrever, ter maior contato com o mundo letrado.

Neste sentido, podemos observar que há pesquisas que já consideraram que os anos de escolarização podem influenciar na CNSN, Scherre e Naro (2006), conforme vemos no gráfico abaixo, o qual apresenta o efeito dos anos de escolarização no uso da concordância verbal e nominal, em amostras aleatórias da comunidade do Rio de Janeiro:

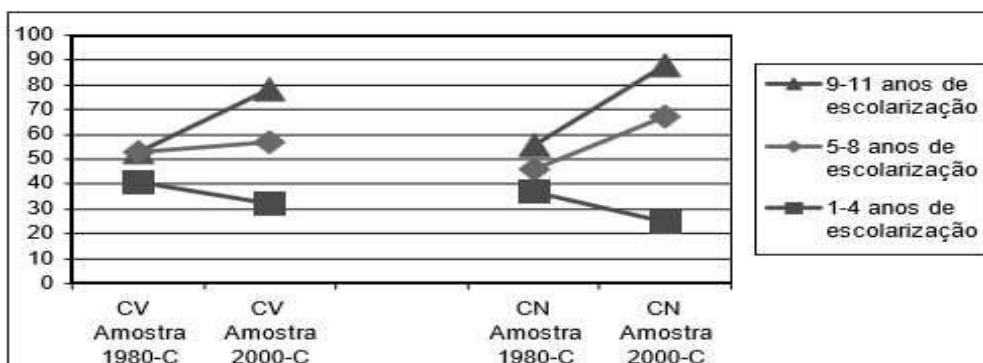


Gráfico 1: (Scherre e Naro, 2006, p.111): Efeito dos anos de escolarização no uso da concordância verbal e nominal em duas amostras aleatórias da comunidade do Rio de Janeiro em épocas diferentes.

Os autores Scherre e Naro (2006) puderam observar que nos estudos realizados, no que se refere à concordância nominal, houve um avanço entre os indivíduos com mais anos de escolarização, no intervalo de 20 anos. As autoras chamam atenção ao “efeito da exposição

dos anos ao ambiente escolar”, mostrando o quanto este “efeito” está mais acentuado entre os falantes que possuem entre 9-11 anos de escolarização, os quais apresentaram maior concordância nominal comparados aos que possuíam apenas 1-4 de escolarização. Desse modo, acreditamos que as crianças de nossa pesquisa ainda alcançarão resultados diferentes, podendo então apresentar a concordância redundante maior com o avanço da escolarização.

Agora, observemos a Tabela 3. Neste momento separamos o grupo das crianças e dos adultos pelas suas proveniências, para que possamos observar os dados em cada.

Tabela 3: Dados de uso da CNSN de acordo com o contexto das crianças e adultos

	Crianças		Adultos	
	RURAL	URBANO	RURAL	URBANO
Redundante	27,3% (9)	26,2% (11)	41% (9)	63,2% (12)
Não Redundante	72,7% (24)	73,8% (31)	59% (13)	36,8% (7)

Como podemos ver, a partir da tabela, entre as crianças, não há diferença no emprego da variante de CNSN; nos dois casos. A diferença maior está entre os adultos do grupo de controle. Neste caso, os adultos do contexto urbano apresentaram mais dados de marcação redundante que os adultos do contexto rural.

Antes de darmos sequência nos dados das crianças, podemos destacar outro fator extralinguístico na fala dos adultos, o fator estilístico, que pareceu se mostrar muito presente na fala dos adultos da área urbana. Este fator pode ter sido uma das maiores consequências nos resultados alcançados nos dados gerais. No momento da experiência, os adultos da área urbana passaram a monitorar a própria fala, sendo cautelosos com as respostas e a linguagem utilizada para a realização da sua fala. Neste momento os adultos passaram a assumir papéis

sociais diferentes do seu cotidiano, no qual estavam sujeitos a ouvir a uma pergunta e ter de respondê-la.

Para esta discussão, Bortoni-Ricardo (2005) fala que a escolha de determinado grau de formalidade, depende do papel social que o falante desempenha a cada ato de interação verbal, ou seja ele busca adequar a sua fala dependendo da situação a que está exposto. E ainda destaca que “Em qualquer circunstância, porém, há pelo menos três fatores determinantes dessa seleção: os participantes da interação, o tópico da conversa e o local onde ela se processa.” (BORTONI-RICARDO, 2005, p.25);

Para fechar, a autora Bortoni-Ricardo ainda diz que “O falante ajusta sua linguagem, variando de um estilo informal a um estilo cerimonioso, a fim de se acomodar aos tipo de situações”. E foi isso que pudemos notar durante a coleta de dados, que o comportamento linguístico variou e que ao terminar a pesquisa os falantes da cidade comportavam-se de maneira diferente, falando normalmente, como antes da aplicação do experimento. No entanto, vale lembrar que estes foram pesquisados no ambiente de trabalho, enquanto os adultos da zona rural, que agiram de maneira espontânea e sem policiamento da fala, estavam sendo entrevistados em suas casas.

Vamos apresentar, neste momento, apenas os dados das crianças, destacando as suas proveniências

Tabela 4: Dados de uso da CNSN entre as proveniências das crianças pesquisadas:

	Rural	Urbano
Redundante	27,3% (9)	26,2% (11)
Não redundante	72,7% (24)	73,8% (31)

Pudemos notar que as diferenças dos dados entre as crianças não representam valores aparentemente significativos. Porém, o que nos chama atenção é o fato de que, nos dois contextos, a concordância redundante no sintagma nominal de número não ocorreu em grande escala em nenhum dos casos observados. Ao contrário dos adultos urbanos, as crianças urbanas não pareceram estar se monitorando durante a experiência. Muito pelo contrário, agiram como as crianças no meio rural e os adultos do meio rural, de maneira muito espontânea responderam aos testes, como se estivessem realmente brincando com o fantoche.

Como sinalizado anteriormente, compararemos agora os dados levantados na cidade de Pérola D'Oeste com os dados de Roza (2015) da cidade de Francisco Beltrão. Este município no qual Roza fez seu experimento encontra-se a 100 km de distância de Pérola D'Oeste e é uma das maiores cidades da região sudoeste do Paraná. De acordo com os parâmetros da OCDE, Francisco Beltrão é um município urbano e considerando o que Bortoni-Ricardo discute, Pérola D'Oeste é uma cidade considerada rurbana.

Levando em conta essas diferenças entre os dois municípios, vamos comparar os dados das crianças investigadas por Roza e as investigadas nesta pesquisa:

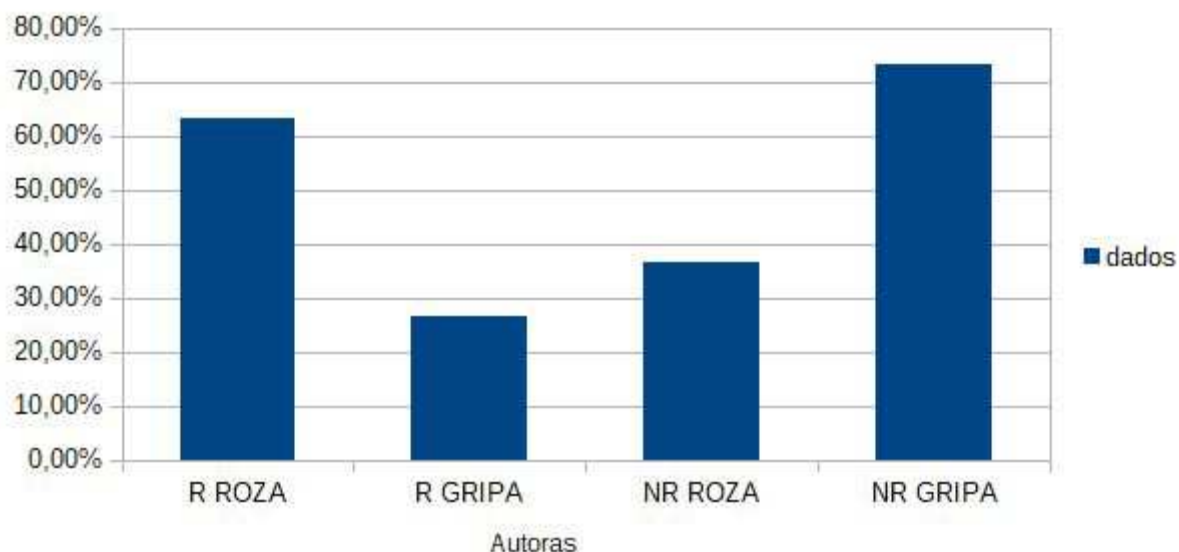
Tabela 5: Dados de uso da CNSN das pesquisas de Grippa (2018) e Roza (2015)

Crianças de Pérola D'Oeste Grippa (2018)		Crianças de Francisco Beltrão Roza (2015)	
Redundante	26,7% (20)	Redundante	63,3% (50)
Não redundante	73,3% (55)	Não redundante	36,7% (29)
Total	100% (75)	Total	100% (79)

Podemos observar entre as duas pesquisas uma grande diferença. As crianças provenientes da cidade de Pérola D'Oeste (PDO) apresentaram a CNSN não redundante muito maior que as crianças de Francisco Beltrão (FB). Essa diferença chega a alcançar o dobro, ficando as crianças de PDO com 73,3% não redundante enquanto as de FB apresentaram 36,7% não redundante. Logo, os dados indicaram que as crianças de FB possuem a variante redundante maior, alcançando 63,3% de marcação redundante. Já as crianças de PDO apresentaram 26,7% redundante, um número consideravelmente bem menor.

É importante lembrar que nos dados entre as crianças de PDO, quando comparados os dados das crianças do meio rural e do meio urbano, não houve números tão expressivos, mas quando confrontados os dados gerais de PDO com os dados de Roza (2015), podemos observar que há um percentual bem expressivo. Representamos em um gráfico os dados das duas pesquisas, com R para redundante e NR para não redundante:

Gráfico 2: Comparação entre os dados de Roza (2015) e Gripa (2018)



Estas diferenças que antes não conseguimos enxergar de maneira isolada entre as crianças de PDO, revelaram-se na comparação com os dados de Roza (2015). Isso nos mostra o peso dos fatores extralinguísticos no emprego das variantes da CNSN durante seu processo de aquisição da linguagem.

Simões e Soares (2015) compararam as diferentes proveniências entre as crianças de Novo Hamburgo - RS investigadas por Schneider (2012) e do Beco das Palmeirinhas (comunidade mais retirada formada por catadores de papelão, na cidade de Porto Alegre). As autoras perceberam que os fatores sociais a que estão expostas as crianças influenciam na aquisição da CNSN. Deste modo, podemos dizer que o contexto em que estão inseridas as crianças de PDO acarreta a aquisição predominante da CNSN não redundante, comparadas às crianças da parte central de FB, acarretando a aquisição da CNSN redundante com maior frequência.

Retomando os estudos de Bortoni-Ricardo, no que se refere ao termo “rurbano”, Pérola D’Oeste enquadra-se perfeitamente neste termo. Francisco Beltrão, por outro lado, é considerado como um município totalmente urbano. Neste sentido, os fatores sociais como o acesso à cultura, à educação privada e o nível de escolaridade entre os indivíduos são

impulsos que acarretam as diferentes variantes na aquisição da linguagem das crianças, incluindo a CNSN.

As crianças de PDO encontram-se em uma região rurbana. É comum, segundo Bortoni-Ricardo (2004), que em lugares com menor população, formem-se as redes densas, a qual discutimos anteriormente. Estas redes referem-se à relação muito próxima que há entre os indivíduos de pequenas comunidades, na qual praticamente todos se conhecem. Está é a realidade entre os falantes de Pérola D'Oeste, na qual as relações entre os habitantes rurais e urbanos é muito ativa. Isso parece explicar o fato de não termos identificado grandes diferenças entre os dados das crianças da cidade de PDO.

O que pudemos perceber, então, assim como percebido por Simões e Soares (2015), que os fatores extralinguísticos mostram grande interferência sobre as formas linguísticas adquiridas pelas crianças em aquisição. Se a criança nasce com uma Gramática Universal, no entanto precisa do input para desenvolver sua língua e esse input é variável, logo é natural que encontremos variação também nos dados das crianças.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo realizado teve o objetivo de observar a aquisição da linguagem e fatores sociolinguístico entre as crianças do meio “rurbano”¹⁰ de Pérola D'Oeste, o qual obteve-se dados relevantes no que se refere às variantes redundantes e não redundantes presentes na aquisição da concordância de número no sintagma nominal. Esta variação pode ser observada através de fatores extralinguísticos ligados ao processo de aquisição de crianças de proveniências diferentes.

Os fatores extralinguísticos presentes nas falas de crianças de Pérola D'Oeste/PR revelaram-se quando comparados aos dados obtidos pela experiência de Roza (2015). Foi realizado exatamente os mesmo experimentos entre as crianças de Francisco Beltrão e Pérola D'Oeste.

Os resultados alcançados revelaram a CNSN não redundante predominando entre a fala das crianças de proveniência rurbana. Também observou-se os dados de falantes adultos

¹⁰ Termo de Bortoni-Ricardo (2004)

do meio rural e urbano e como os fatores estilísticos podem causar diferentes reações na fala, assim como o nível de escolaridade.

Sendo assim, fechamos dizendo que os fatores extralinguísticos em diferentes contextos acarretam grandes diferenças no processo de aquisição das crianças. Podendo inclusive variar muito entre os contextos de crianças de regiões centrais urbanas e crianças provenientes de regiões mais interioranas, como as de Pérola D'Oeste. Neste sentido, os dados aqui coletados corroboram com estudos já realizados na área da sociolinguística bem como reconhecer estes fenômenos no processo da aquisição da linguagem entre as crianças de diferentes contextos.

7. REFERÊNCIAS

BORTONI-RICARDO. Stella Maris. **Educação em língua em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola, 2004.

_____. **Nós chegemos na escola, e agora?**. São Paulo: Parábola, 2005.

GÖRSKI, Edair; COELHO, Izete L. **Variação linguística e ensino de gramática**. Working Papers em Linguística, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 73-91, 2009.

GROLLA; FIGUEIREDO E SILVA. **Para conhecer aquisição da linguagem**. São Paulo: Contexto, 2014.

MUNICÍPIO DE PÉROLA D'OESTE. **Aspectos geográficos e populacionais**. Disponível em: <<http://www.peroladoeste.pr.gov.br/>>. Acesso em: 4 de maio de 2018.

MUNICÍPIO DE PÉROLA D'OESTE. **Aspectos Sócio-Econômicos**. Disponível em: <<http://www.peroladoeste.pr.gov.br/>>. Acesso em: 4 de maio de 2018.

QUADROS, R.M.; FINGER, I. **Teorias de aquisição da linguagem**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.

ROZA, Angela da. **Cordância de número no sintagma nominal: Análise de dados de produção eliciada**. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso: UFFS, 2015.

SCHERRE, M. M. P. Aspectos da concordância de número no português do Brasil. **Revista Internacional de Língua Portuguesa (RILP) - Norma e Variação do Português**. Associação das Universidades de Língua Portuguesa. 12:37-49. dez. de 1994.

SCHERRE, M. M. P. & NARO, A. J. **Sobre a concordância de número no português falado do Brasil**. In Ruffino, Giovanni (org.) *Dialettologia, geolinguística, sociolinguística*. (Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza) Centro di Studi Filologici e Linguistici Siciliani, Università di Palermo. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 5:509523, 1998.

SCHERRE, M. M. P. & NARO, A. J. **Mudança sem mudança: a concordância de número no sintagma nominal no português brasileiro**. *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 9, n. 18, p. , 1º sem. 2006.

SHENEIDER. S. D. **Concordância nominal na fala de crianças de 3 a 6 anos de idade do município de Novo Hamburgo: variação linguística na infância**. Tese de Doutorado, UFRGS, 2012.

SIMÕES, Luciene Juliano; SOARES, Simone Mendonça. Concordância nominal na fala infantil: Implicações para a escola. In: ZILES, Ana Maria Stahl; FARACO, Carlos Alberto (Org.). **Pedagogia da Variação Linguística: Língua, diversidade e ensino**. São Paulo: Parábola, 2015. p. 123-144.